

## RUTURAS NO LAZER FEMININO EM PORTUGAL: O CASO DO FUTEBOL NA UNIÃO RECREATIVA DE CULTURA E DESPORTO DE COINA (1981-1990)

Recebido em: 26/03/2024

Aprovado em: 30/04/2024

Licença: 

Gonçalo Brito Graça<sup>1</sup>  
Câmara Municipal do Barreiro (CMB)  
Barreira – STB – Portugal  
<https://orcid.org/0000-0002-2099-8424>

**RESUMO:** A observação da adoção do futebol feminino na União Recreativa de Cultura e Desporto de Coina entre 1981 e 1990 mostra como qualquer abordagem à triangulação entre lazer, paisagem e natureza deverá ser efetuada com alguma meticulosidade, tomando as características peculiares da instituição em causa como primordiais, e nem sempre equiparáveis a outros territórios. A adoção do futebol em Coina acabou por moldar todo um território regional e elevou um pequeno topónimo periférico da Grande Lisboa ao mapa mental dos seguidores nacionais deste desporto. Este *case study* mostra como o futebol entrou nas estratégias de implementação do direito ao lazer feminino em Portugal e assumiu diferentes formas e variáveis díspares no tempo e no espaço.

**PALAVRAS-CHAVE:** Coina. Barreiro. Portugal. Futebol feminino.

### DISCONTINUITY IN FEMALE LEISURE IN PORTUGAL: THE CASE OF FOOTBALL IN THE UNIÃO RECREATIVA DE CULTURA E DESPORTO DE COINA (1981-1990)

**ABSTRACT:** The observation of the adoption of female football at the *União R. C. D. de Coina* (Portugal) between 1981 and 1990 shows how the triangulation between leisure, landscape and nature has to be carry out with some meticulousness, taking the inner characteristics of each institution. Once analyzed as primordial, probably it would not be always comparable to the rest of the country. The adoption of football in the village of Coina ended up shaping an entire regional territory and placed a small peripheral place of Lisbon' outskirts on the mental map of the national followers of this sport. This case study shows how football entered into the strategies for implementing women's right to leisure in Portugal, and it had different forms and variables through time and space.

<sup>1</sup> Licenciatura em História na Universidade Nova de Lisboa, Mestrado em Património Histórico e Territorial na Universidad de Cantabria (Santander, Espanha), e Doutoramento em História no PIUDHist – Programa Interuniversitário de Doutoramento em História/ Universidade Católica Portuguesa. Investigador do CEHR - Centro de Estudos de História Religiosa e Técnico Superior na Câmara Municipal do Barreiro (Divisão de Património Cultural, Arquivo Histórico e Turismo).

**KEYWORDS:** Coina. Barreiro. Portugal. Women's football.

## Introdução

A edição de 21 de junho de 1991 do *Jornal do Barreiro* contém uma pequena entrevista a um dirigente associativo, e suscita aos leitores a um olhar atento que transporta para as dificuldades conjunturais de uma pequena e periférica coletividade local como a União Recreativa de Cultura e Desporto de Coina. Mais ainda quando, para além das queixas comuns de qualquer entidade desportiva - desde a precariedade das instalações às dificuldades financeiras -, o jornalista se indagava sobre o

êxito com a sua equipa feminina, que honrou não só a coletividade, mas também a freguesia de Coina e o Concelho do Barreiro além-fronteiras, por terras da Europa. Foi mesmo considerado o embaixador português do nosso futebol feminino<sup>2</sup>.

A leitura deste pequeno excerto coincidiu com a recente mediatização internacional em torno do futebol feminino, e ao qual Portugal não foi exceção.<sup>3</sup> De certa forma, a conjuntura social de finais de 2023 fomentou uma análise histórica à génese do Campeonato Nacional de Futebol Feminino, e mais ainda quando assumimos de antemão a veracidade do fragmento jornalístico supracitado. De facto, a União Recreativa de Cultura e Desporto de Coina (adiante União de Coina) fora um dos clubes fundadores da atual liga nacional feminina, e curiosamente tem sido um tema secundário na história desportiva do município do Barreiro. Logo várias perguntas se

---

<sup>2</sup> UNIÃO Desportiva de Coina atravessa um período pouco condizente com o seu historial, **Jornal do Barreiro**, Barreiro (Portugal), 21 jun. 1991, p. 4.

<sup>3</sup> A atenção mediática ao futebol feminino em Portugal tem crescido na última década, apesar de se registarem enfoques paralelos. Em 2023, por exemplo, e à semelhança de outros países, vários órgãos de comunicação incidiram, sobretudo, num caso de possível assédio sexual entre um dirigente e uma jogadora, em detrimento do êxito desportivo da seleção espanhola contra a Inglaterra, ficando conhecido como o “caso Rubiales” (MINISTÉRIO Público espanhol apresenta denúncia contra Rubiales, **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2023/09/ministerio-publico-espanhol-apresenta-denuncia-contra-rubiales.shtml>). Acesso em 08 set. 2023). Mesmo assim, o futebol feminino tem espoletado interesse nas principais cadeias televisivas nacionais, com a transmissão em direto de vários jogos. A temática tem alcançado também outros campos, até mesmo no humor. Vários humoristas portugueses utilizaram este caso mediático para criticar algumas personalidades políticas que mantinham posições algo misóginas acerca do assunto («PORTUGALEX. Pedro Arroja e as mulheres no futebol», **RTP Play**. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p293/e671675/portugalex>. Acesso em 30 abr. 2024).

impuseram: como seria possível que, um pequeno clube como a União de Coina, com menos de duzentos sócios na atualidade, e sem qualquer infraestrutura para os seus jogos semanais, estivesse na base da principal liga portuguesa? Uma localidade como Coina - ainda hoje uma pequena vila periférica portuguesa, parte de um município da Grande Lisboa (Barreiro), separado naturalmente da capital unicamente pelo curso do rio Tejo -, como poderia ter sido um bastião da génese do futebol feminino nacional poucos anos depois do golpe militar de 1974 que abriu o país à democracia? Mais ainda quando - e tendo em conta o contexto geohumano da época -, a vila de Coina se constituía como um aglomerado populacional com cerca de 2.000 habitantes, e não era propriamente um local de fácil acesso, fosse a partir de viaturas particulares, fosse a partir de transportes públicos. Para quem se deslocasse a partir de Lisboa, a viagem de automóvel obrigaria à travessia da ponte 25 de abril pela Estrada Nacional 10, num percurso nunca inferior a quarenta minutos. E caso se optasse por alternativas como o autocarro/ónibus, apenas havia um disponível por hora, e com uma viagem média sempre superior a sessenta minutos. Opções alternativas como o barco fluvial até ao Barreiro, combinando depois com um autocarro, passaria a ser uma viagem de duas horas (com a agravante da limitação de horários rodoviários a partir das 19h00). Particularidades de locomoção que obrigatoriamente se cruzam com qualquer leitura ao período histórico em questão.

A partir destas questões optámos pela leitura extensiva do *Jornal do Barreiro*, e por várias razões. A primeira, porque o excerto analisado fora extraído precisamente desse periódico. Seria conveniente observar se o *Jornal do Barreiro* continha entrevistas, reportagens, ou outras informações pertinentes que suscitasse uma análise mais qualitativa. O que de facto se verificou! Depois, não conseguimos aceder ao acervo histórico do clube. A União de Coina tem conhecido alguma instabilidade

diretiva na última década, e ainda não dispõe de qualquer arquivo minimamente consultável. Além das correntes dificuldades financeiras de qualquer clube, com uma política interna virada para a sua manutenção diária, acresce também a indisponibilidade dos vários dirigentes em conseguirem conciliar as suas vidas pessoais e profissionais com uma presença física no clube em regime de voluntariado.<sup>4</sup> Assim, e uma vez limitados, optámos por observar o percurso histórico da instituição e o impacto social dessas jovens jogadoras em todos os exemplares do *Jornal do Barreiro*, acabando por balizar um trajeto futebolístico apenas a uma década.<sup>5</sup>

A condicionante de ser um micro-aglomerado populacional localizado no limite concelhio, e se caracterizar por albergar uma equipa feminina de futebol na década de 1980, convidava a uma análise meticulosa aos meios de acesso ao lazer no Portugal menos conhecido. Eixos que ainda hoje se cruzam e abrem interrogações à própria memória coletiva. A título de exemplo, nem os boletins municipais, nem a generalidade da imprensa da época, destacaram qualquer ímpeto social desta modalidade ou qualquer percurso desportivo dessas jovens, o que em parte justifica a sua secundarização memorial. Aliás, e ao contrário do que se passa no centro do município, é bastante fácil encontrar pessoas na vila de Coina (nas faixas etárias superiores aos 40 anos de idade), que recordam alguns desses momentos áureos do futebol feminino. Contudo, uma vez questionadas sobre o término da atividade, as respostas acabam por ser vagas ou bastante contraditórias, denunciando certos obstáculos institucionais nesse acesso ao

---

<sup>4</sup> Agradecemos à presidente Inês Miranda a boa-vontade em nos ceder algumas informações e documentação gráfica que complementaram omissões narrativas na leitura dos periódicos.

<sup>5</sup> Na década de 1980 o concelho do Barreiro tinha apenas dois órgãos de comunicação: a *Voz do Barreiro* (de inspiração laica e filocomunista, o que se traduzia num evidente apoio ao Partido Comunista Português, que liderava a edilidade desde as primeiras eleições no período democrático em 1976); e o *Jornal do Barreiro* (de filiação católica e próxima do Partido Socialista, na oposição). Este último periódico foi o único órgão informativo a relatar algumas atividades das moças, e de forma bastante parca, existindo muitos hiatos quanto às jornadas, resultados ou convocação das equipas, por exemplo. No entanto, a sua consulta acaba por ser imprescindível, e abre ainda uma série de interrogações sobre essas periferias “periféricas”. Se por um lado as notícias sobre a vila de Coina são bastante limitadas, já as notícias sobre jogos de futebol praticados por mulheres aumentam as ausências de informação. Mais ainda quando o único jornal a publicitar a sua presença favorecia a oposição política em minoria.

lazer, ou até mesmo colocando em causa a própria naturalidade das mesmas jovens jogadoras em conseguir concorrer com os congéneres masculinos. Mesmo assim, conjugando algumas propostas indicadas na bibliografia final com a leitura atenta da imprensa da época, é perceptível obter-se um aspeto singular menos abordado na historiografia especializada (DONOSO PÉREZ; REINA GIMÉNEZ; ÁLVAREZ-SOTOMAYOR, 2023; LIMA, 2013; NETO; CAMPOS; SILVA, 2013; SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2013). Desde logo a aproximação a uma “paisagem” de futebol feminino, a partir do conceito proposto por Jean-Marc Besse, e de como este geógrafo rompe com a semântica clássica do que é uma paisagem, numa perceção extensível ao território como um laboratório de experiências sociais e individuais (BESSE, 2006, p. 13). A sua utilização permite ver como a experiência da União de Coima moldou a constituição do atual campeonato nacional e a necessidade de resgatar esse passado torna-se agora primordial. A história do futebol feminino no município barreirense desvaneceu-se e acabou por desaparecer da narrativa institucional, não existindo atualmente qualquer menção oficial (ou até oficiosa) ao seu passado.

### **A Construção de uma Paisagem Desportiva Feminina**

A análise ao percurso do futebol feminino no concelho do Barreiro na década de 1980 obriga a uma leitura diacrónica às lógicas e práticas de enquadramento corporal anteriores, que remontam à constituição-ditatorial do *Estado Novo* em 1933. Recorde-se apenas alguns exemplos: durante o período da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a Liga de Ping-Pong do Barreiro organizou pelo menos dois campeonatos destinados unicamente a raparigas<sup>6</sup> (SILVA PAIS, 1969, p. 349). Desde então surgiram outras iniciativas, como a propagação do basquetebol (já no contexto da Segunda Guerra

---

<sup>6</sup>O substantivo “rapariga” em Portugal não tem qualquer conotação pejorativa, sendo sinónimo de “moça” ou “menina”.

Mundial), e que permitiu que várias coletividades do município competissem a uma escala nacional, sob o patrocínio financeiro de macroempresas como a gigante *Companhia União Fabril*, cujo grupo desportivo acabaria por se transformar numa das principais equipas do país. E de acordo com os cânones políticos da época, o êxito masculino impulsionou uma certa tolerância à vertente feminina, sendo seleccionadas várias jovens locais para representar Portugal num torneio entre as duas agências estatais ibéricas - a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (pelo lado português) e a *Obra Sindical Educación y Descanso* (pelo lado espanhol) -, acabando esta última por se sagrar campeã (SILVA PAIS, 1969, p. 350). Em simultâneo, outra equipa local, o Futebol Clube Barreirense - conhecido pela formação e cedência de vários recursos humanos para as principais equipas nacionais de futebol masculino nas décadas de 1960 e 1970 (DOMINGUES, 2004; KUMAR, 2017, p. 252), acabou também por promover a sua secção de ginástica feminina em 1956, e fundar a Escola de Iniciação Desportiva Feminina para adolescentes pouco tempo depois.

Estas pequenas iniciativas acabaram por desembocar nos “Jogos Juvenis do Barreiro”, um projeto de índole municipal organizado em 1964, e destinado ao fomento do futebol, basquetebol, badminton, ténis de mesa, remo ou ginástica (VALEGAS, 1970). O êxito dos Jogos Juvenis muito deveu à sua principal função, servindo de válvula de escape de pressão psicossocial para os jovens que se destinavam aos teatros de guerra africanos da Guiné-Bissau, Angola e Moçambique, no contexto da manutenção do Império Colonial Português. A possibilidade de poderem competir em várias modalidades desportivas acabava por distraí-los da eminente mobilização e da possibilidade de morrer precocemente num território longínquo, em moldes políticos anacrónicos “a bem da Nação”. Não obstante, e apesar da censura política apagar propositadamente estes pormenores controversos na imprensa local, não é difícil

entender a gestão política do lazer como mais um meio de enquadramento político-juvenil, ultrapassando a queda do regime, sendo a última edição dos Jogos Juvenis do Barreiro em outubro de 1975.<sup>7</sup>

Um olhar atento à inscrição pessoal dos jovens candidatos nos Jogos Juvenis permite acompanhar a diacronia de oportunidades desportivas oferecidas também às moças, e que o *Jornal do Barreiro* acabaria por complementar pontualmente com reportagens. Neste contexto, por exemplo, a entrevista à jovem Júlia Moisão, de apenas 15 anos de idade em 1971, praticante de atletismo no Grupo Desportivo da Companhia União Fabril, e que acaba por ser uma boa referência quanto à materialização do lazer enquanto complemento de qualquer atividade humana numa ecologia inerentemente corporativista. Nascida em Beja em 1956, uma cidade no sul do país à distância de 150 quilómetros, a atleta acabaria por se instalar no Barreiro com apenas 6 anos de idade, por consequência do seu pai ser trabalhador da construção civil. Na estética política do *Estado Novo*, a jovem Maria Júlia Honório Inácio Moisão acabaria por ser transformada num ícone expressivo e modelar de uma integração “bem sucedida”, precisamente num centro urbano hiperindustrializado como o Barreiro, e no qual a etnicidade servia de marcador diferencial nas suas qualidades desportivas.<sup>8</sup> Complemente-se também a dedicação profissional à empresa, como «aprendiza de modista, pois não quis continuar os estudos além da 4ª classe», sendo não só um modelo de virtudes laborais como de companheirismo. Dizia o jornalista que

em dezembro de 1969, portanto, há pouco mais de ano e meio, por influência de Helena Duarte, outra excelente atleta “cufista”, que é sua amiga e colega

---

<sup>7</sup> ENCERRAMENTO dos 11º Jogos Juvenis do Barreiro. **Teledesperto – Rádio Televisão Portuguesa**, Lisboa 27 out. 1975. Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/encerramento-dos-11o-jogos-juvenis-do-barreiro/>. Acesso em: 16 mar. 2024

<sup>8</sup> «É uma simpática rapariga, morena de negros cabelos, tem lindos olhos pretos e um permanente, alegre e esfusante sorriso. É uma autêntica alentejana, de genuíno tipo latino» («ATLETISMO», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 08 jul. 1971, p. 3).

de trabalho, começou a frequentar os treinos da secção do Atletismo do G.D. da CUF<sup>9</sup>.

A participação de atletas femininas provenientes do Grupo Desportivo da Companhia União Fabril em torneios externos como os Jogos Juvenis no Barreiro, entre 1964 e 1975, acabaram por moldar toda uma paisagem desportiva (feminina) no município. E como referido antes, a imprensa local - ao destacar exemplos como o de Júlia Moisão, uma das “revelações do atletismo” -, abriu-se um precedente na promoção de género noutras atividades. Esta particularidade acaba por se equiparar ao percurso que outros clubes concelhios (e de inferior importância simbólica) conheceriam nesse período de transição política entre o fim do Estado Novo em abril de 1974 e a consequente consolidação democrática no biénio seguinte.<sup>10</sup> E basta uma leitura ligeira à imprensa local produzida logo na primeira década democrática para se observarem algumas extensões organizacionais na integralidade da paisagem municipal por mimese. Mas com a diferença sublime de já não ser exclusivamente no centro do Barreiro, mas um pouco por toda a área concelhia. Facilmente se observa o aparecimento de novas equipas exclusivamente femininas a praticar várias modalidades, seguindo lógicas idênticas aos *Jogos Juvenis* (o que parcialmente explica a adoção oficial do futebol feminino por parte da União de Coima em 1980).

Ao contrário do que os investigadores Sixte Abadía Naudí e Xavier Pujadas Martí sugerem (ABADÍA NAUDÍ; PUJADAS MARTÍ, 2013), a transição da ditadura

---

<sup>9</sup> O jornalista Paulo Figueira continuaria com o seu périplo apologista para a participação feminina nas várias modalidades desportivas. A crónica é muito elucidativa quanto aos objetivos políticos do enquadramento ditatorial das juventudes através do desporto: «É de notar com muito agrado que, naturalmente, por virtude da boa “figura” que as jovens “cufistas” [de CUF – Companhia União Fabril] têm vindo a fazer esta época, têm afluído ao Estádio “Alfredo da Silva”, numerosas raparigas para se dedicarem, também ao Atletismo. Bem hajam, porque é bom para o clube que, assim, pôde aumentar o seu plantel de atletas, mas, principalmente, para elas próprias, praticantes que, desse modo, se desenvolvem melhor, fisicamente, e se tornam mais saudáveis e desenvoltas». («ATLETISMO», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 08 jul. 1971, p. 3).

<sup>10</sup> Mais ainda quando havia um clima social bastante propício à prática desportiva feminina. Talvez pelas proezas da atleta nacional Rosa Mota, campeã mundial de atletismo em 1987 em Roma, e que ganhou o ouro olímpico em Seul no ano seguinte (BRASÃO, 2004, p. 381).

para democracia em Portugal não provocou um choque desportivo imediato. Pelo menos o caso barreirense mostra que não existiu uma rutura significativa logo em abril/maio de 1974. É certo que a idealização ditatorial para uma paisagem desportiva feminina nacional “perfeita” do *Estado Novo* entre 1933 e 1974 - com o objetivo claro de criar mulheres aptas para a manutenção dos lares e futuras esposas (PIMENTEL, 2011) -, potencializou a adoção do desporto (feminino) em microlocalidades periféricas como Coina. Mas também é certo que alguns clubes aderentes também deturparam as premissas estatais aos poucos. E socorrendo-nos dos argumentos de Edward Shils, a fundação da União Recreativa de Cultura e Desporto de Coina a 10 de junho de 1971 acabou por ser um bom exemplo de como um organismo periférico consolidou e alterou em si as imagens emanadas pelo centro político (SHILS, 1992).

A resposta ao porquê do aparecimento da modalidade feminina no U.R.C.D.C. poderá também ser observada a partir da inclusão de duas jovens mulheres na direção da referida coletividade, rompendo com uma presença exclusivamente masculina nos cargos de liderança, em 1980.<sup>11</sup> A bicefalia das dirigentes Rosa Maria e Vitália Ribeiro criou a pressão interna suficiente para que surgissem mutações mais significativas, precisamente quando esta coletividade celebrava o seu décimo aniversário. E uma das prioridades seria a constituição da primeira equipa de futebol feminino de salão, única em todo o distrito de Setúbal. A inexistência de equipas adversárias obrigou a que a equipa de Coina disputasse o campeonato fora do seu distrito, acabando por se deslocar constantemente a Lisboa, e terminando o ano como campeãs distritais em território alheio (PEREIRA, 2007, p. 20). Este êxito momentâneo abriu espaço para que fossem conhecidas noutros territórios administrativos e que participassem noutros torneios e jogos amistosos - todos fora dos distritos de Setúbal e Lisboa -, sendo convidadas por

---

<sup>11</sup> A título de exemplo, Rosa Maria foi a principal promotora do ténis de mesa, e Vitália Maria Dias Ribeiro assumiu o cargo de vice-presidente da Secção Cultural («NOTÍCIAS de Coina», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 15 ago. 1980, p. 3).

equipas como o Grupo Desportivo Concha Azul, de São Martinho do Porto, uma vila localizada a cerca de 130 quilómetros a norte.

A criação de uma nova paisagem desportiva feminina interdistrital permitiu a inclusão definitiva do U.R.C.D.C. na Associação de Futebol de Lisboa. Recorde-se que a esmagadora maioria dos clubes integrantes não dispunha de qualquer campo para os seus jogos, o que obrigava a um aluguer dispendioso ou ao empréstimo constante de terrenos. Um bom exemplo desta ocupação de espaços emprestados ocorreu na estreia da União de Coima contra o Académico de Sintra para o Campeonato Distrital de Futsal de Lisboa, e do qual as primeiras ganharam por 3-0, num jogo disputado no campo da Tapadinha em Lisboa. Por sua vez, a União de Coima enquanto equipa anfitriã, e ao não dispor de qualquer campo desportivo, recebia as adversárias nas instalações fabris da Fábrica de Alumínios Rajal, que gentilmente cedia o espaço desportivo dos trabalhadores para a ocasião.<sup>12</sup>

A transformação de futebol de salão em futebol de onze foi quase automática e aumentou o leque de possibilidades para jogar ainda mais fora do seu *hinterland* desportivo, recriando uma perceção geográfica que extrapolava as fronteiras estabelecidas até à data. Uma estratégia que não era nova e muito menos exclusiva do concelho do Barreiro, sendo observável também noutras localidades portuguesas (BRASÃO, 2004, p. 394). Mais uma vez em São Martinho do Porto, por ocasião das festas comemorativas de Santo António em 1981, e em que as jovens de Coima se embateram contra o conhecido rival Grupo Desportivo Concha Azul.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> O patrocínio de empresas locais como Indústrias Metálicas Rajal Lda. permitiu que as mesmas utilizassem também um campo na Quinta do Conde (a cerca de cinco quilómetros) e ainda a contratação do preparador físico Bilé («10º aniversário da União Recreativa», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 19 jun. 1981, p. 3).

<sup>13</sup> «FUTEBOL feminino. União de Coima nas festas comemorativas», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 21 jun. 1985, p. 4. São Martinho do Porto foi uma das localidades mais procuradas dentro da geografia do futebol feminino. Nesse mesmo ano a União de Coima voltaria a esta localidade para participar nas festas antonianas para jogar contra a União de Santarém, empatando a dois golos. O resultado final ficou decidido em penaltis, e do qual a União de Coima venceu por 4-3.

A ausência de um campo exclusivo (ao contrário da generalidade dos congéneres masculinos) paradoxalmente era algo que marcava um vazio na paisagem. A União de Coina nunca conseguiu construir um campo de raiz para as suas jogadoras. A exigência de recursos financeiros mínimos para a obtenção de um espaço apto para a prática futebolística obrigava a escolhas difíceis que pendiam entre a aquisição de um terreno ou a manutenção contínua da modalidade. Optaram pela segunda via, o que necessariamente condicionava a adaptações circunstanciais, com as moças a efetuarem distâncias constantes para treinar e/ou jogar noutros recintos desportivos nas imediações, como o Campo do Olival (em Santo António da Charneca, a cerca de seis quilómetros de distância), ou para o Campo da Quinta Pequena (a oito quilómetros), ambos com difíceis acessos através de transportes públicos. Ainda assim, e mesmo sob os obstáculos de nunca puderem jogar na sua própria casa, os resultados contra as equipas rivais foram manifestamente favoráveis a União de Coina.<sup>14</sup> Êxitos que colocaram a pequena localidade coinense na órbita dos intervenientes políticos regionais e nacionais, acrescentando um novo marco na paisagem (imaginada) desportiva portuguesa.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> A título de exemplo, na temporada 1983/1984, e para o Campeonato Distrital, as de Coina venceram a Sociedade Banheirense “O Real” por 1-12 (5ª jornada; 24 fev. 1984); União de Coina 17 – B. Liberdade 1 (6ª jornada); e União de Coina 9 – “O Real” 0 (7ª jornada; 30 mar. 1984). Também no Torneio Complementar Distrital, e no qual acabaram campeãs, as de Coina venceram a 1ª Jornada contra o Grupo Desportivo Liberdade, por 11 – 0 (13 abr. 1984); e na 2ª Jornada por 7 – 0, contra o “O Real”, da Baixa da Banheira (25 mai. 1984).

<sup>15</sup> A receção oficial à equipa campeã levou a que um simples almoço de convívio fosse endereçado pela direção do U.R.C.D.C. a cerca de 140 convidados, entre os quais o próprio Mata Cáceres (Governador Civil de Setúbal), José Sousa Magalhães (Juiz Presidente do Tribunal da Comarca do Barreiro), chefe Mira (Polícia de Segurança Pública), representantes dos Fuzileiros Navais da Marinha Portuguesa, Guarda Nacional Republicana, vereadores da Câmara Municipal do Barreiro, vários órgãos de comunicação regional, entre outros («FUTEBOL feminino. A equipa da União campeã distrital», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 02 nov. 1984, p. 3).

## **A Afirmação de um Quadro Associativo de Lazer Feminino**

A emersão geográfica de vários núcleos de futebol feminino na década de 1980 em todo o país justifica que, qualquer análise a estas coletividades, incida numa leitura atenta à imprensa local. Os jornais contêm pormenores quotidianos que complementam dados obtidos a partir de outra documentação histórica. E tendo em conta a metodologia proposta por Nobert Elias e Eric Dunning, é possível observar-se nesses meios a emergência de alguns quadros específicos de lazer feminino, mais que não seja pela dubiedade entre “tempo livre” e “tempo pós-laboral” (ELIAS; DUNNING, 2019, p. 207). É precisamente nesse campo que os órgãos de comunicação social locais assumem uma categoria primordial neste tipo de investigação, e mais ainda quando a primeira equipa feminina da seleção nacional só fora constituída em 1991. Na prática pouco se sabe sobre a sua génese (BRASÃO, 2004, p. 383). Todavia, esses fundos históricos não estão isentos de lacunas ou subjetividades, omitindo propositadamente a participação das moças nas modalidades desportivas em virtude do fraco interesse do público leitor nesse assunto.<sup>16</sup> Por exemplo, a quantidade de fotografias é manifestamente inferior à dos rapazes, e as jovens nunca eram apresentadas em plena atividade, fosse em campo contra as equipas adversárias, fosse em treino, ou a mostrar algum aspeto mais pessoal no vestiário (BRASÃO, 2004, p. 395; SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2013). A pose era sempre em formação e ladeadas pelo treinador, e esteticamente dispostas para a objetiva do fotógrafo, antes do início do jogo (Figura 1). Este detalhe é deveras interessante, na medida que destoa de outras fotografias publicadas na imprensa local durante o período ditatorial, como a de Júlia Moisão, em plena corrida numa pista de tartan.<sup>17</sup> O contraste é manifestamente observável numa edição de 1985, quando as jogadoras da União de Coína foram alvo de uma reportagem, com a respetiva indicação das idades, posições

---

<sup>16</sup> «FUTEBOL feminino», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 03 mai. 1985, p. 4.

<sup>17</sup> «ATLETISMO», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 08 jul. 1971, p. 3.

em jogo e profissões. Esta particularidade acaba por ser bastante importante no que respeita à ocupação dos tempos livres por parte das vinte jovens mulheres, cuja média de idades rondava os vinte anos. Apesar de se desconhecer algumas profissões aferidas, a generalidade delas conjugava a vida profissional com a agenda desportiva: cinco estudantes, quatro administrativas, duas operárias fabris, duas empregadas de balcão, uma estudante universitária, uma tipógrafa e uma professora (com 24 anos de idade e a mais velha de todas).<sup>18</sup>

**Figura 1:** Jornal do Barreiro, 01 jan. 1982, p. 3



**Fonte:** Os autores

A escrita jornalística caracteriza-se ainda por algumas singularidades que mereceriam ser analisadas com algum afinco, como a ausência de público, por exemplo. Em pleno Campeonato Complementar da Associação de Futebol de Setúbal de

<sup>18</sup> «A União de Coina Campeão Distrital da época 84/85 só com vitórias», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 29 mar. 1985, p. 3.

1984/1985, queixava-se o jornalista local Abílio Ferreira sobre a falta de adeptos de ambas as equipas

devido à transmissão do jogo de hóquei em patins, através da RTP [*Rádio Televisão Portuguesa*] (e muito bem), jogo esse que era decisivo para as cores nacionais. Mas o brio e aplicação das duas turmas femininas demonstraram que, por vezes, mais vale jogar sem público<sup>19</sup>.

Se bem que a paisagem mental do desporto feminino se alterou na generalidade da população de Coima, paradoxalmente o mesmo nunca se consolidou a nível concelhio. O desinteresse geral pela modalidade feminina acabou por ficar ainda mais evidenciado quando a União de Coima ascendeu ao Campeonato Nacional de Futebol Feminino em 1984/1985, e os vários órgãos de comunicação locais continuaram com a mesma estratégia intermitente da cobertura narrativa. Nem mesmo jogando a nível nacional, e competindo nos principais estádios de Lisboa ou Porto, a paisagem desportiva conseguiu ficar mais e melhor colmatada de informação.<sup>20</sup>

Apesar dessas condicionantes, a paisagem mental desportiva do futebol feminino em Coima alterou-se, sobretudo pela via de entidades exteriores ao município e ao país, e cedo surgiram os primeiros convites. Primeiro para o Torneio Internacional de Futebol Feminino de 1984 realizado em maio, em Évora, e no qual a União de Coima venceu as francesas do Rarullet-Saint-Étienne, com o resultado de 12-0. Pouco depois, em Troia - uma localidade turística a cerca de trinta quilómetros -, onde disputaram outra competição internacional, desta vez contra a equipa sueca dos *IFK Holmsund*, e a qual também ganharam por 5-0.<sup>21</sup> Ou ainda o Torneio da Costa do Estoril (também numa estância turística de elite, sendo o terceiro evento nesse mês), mas agora com oito equipas divididas em duas séries, em que as coimenses ganharam por 5-0 à equipa dos

---

<sup>19</sup> «FUTEBOL feminino. Campeonato Complementar», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 10 mai. 1985, p. 4.

<sup>20</sup> As equipas de Lisboa e Porto socorriam-se do empréstimo de campos por parte de outros clubes locais para a recepção às equipas visitantes. Por uma questão de *marketing* estético-desportivo, a União de Coima recorria ao conhecido Futebol Clube Barreirense, que esporadicamente cedia o campo Manuel de Melo para este efeito.

<sup>21</sup> «FUTEBOL feminino internacional», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 04 mai. 1984, p. 4.

Matraquilhos.<sup>22</sup> E pouco depois na cidade do Porto, em dezembro de 1984, onde disputaram o Torneio Quadrangular, e no qual se apresentaram as primeiras campeãs distritais de todo o país: Boavista Futebol Clube (Porto), Clube de Futebol União de Coimbra, Grupo Sportivo de Carcavelos (Lisboa) e a União de Coima, por Setúbal.<sup>23</sup> Os êxitos da União de Coima incidiram na promoção do lazer pessoal das próprias jovens praticantes, e as experiências extraídas dos torneios realizados em várias zonas de Portugal moldaram sociabilidades e objetivos internos no clube. E não seria por acaso que a estrutura do desafio portuense de 1984 fosse adotada pelo própria União de Coima meses depois quando organizaram o “Torneio de Natal”, nos mesmos moldes, com convites a outros três clubes da Grande Lisboa.<sup>24</sup>

Esta consolidação do quadro associativo do U.R.C.D.C. influenciou outras entidades para que se manifestassem no incentivo ao futebol feminino. Talvez por mimese, um conhecido clube barreirense com o Luso Futebol Clube avançou com o seu “Festival”, organizando uma pequena equipa de moças do Barreiro e que jogariam contra a União de Coima num torneio disputado no pavilhão da entidade anfitriã em agosto de 1985. Na prática era a seleção do centro contra a seleção da periferia, cujo resultado acabou por 1-9 a favor das coimenses. O êxito do modelo organizativo da União suscitou interesses e nos concelhos vizinhos observaram-se algumas metamorfoses. No Monte da Caparica, uma pequena localidade da Grande Lisboa e à distância de 20 quilómetros, o “Terras da Costa” adotou o mesmo modelo e organizou também o seu próprio desafio de futebol feminino de onze, convidando entidades externas ao município, nomeadamente o G.D. “Os Cariocas” do Barreiro, que

---

<sup>22</sup> «FUTEBOL feminino. Torneio complementar», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 25 mai. 1984, p. 4.

<sup>23</sup> «FUTEBOL feminino», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 30 nov. 1984, p. 3.

<sup>24</sup> Conseguiu juntar o Alapraia (São João do Estoril), o Sociedade Desportiva Banheirense «O Real», e o Amora Futebol Clube, com resultados surpreendentes de 10-0 contra a equipa da Baixa da Banheira, chegado à final contra o Alapraia, o qual venceu por 2-1 («FUTEBOL feminino. Torneio de Natal», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 28 dez. 1984, p. 4).

conquistou a taça honrosa da disciplina em campo, com a ausência de qualquer cartão mostrado.<sup>25</sup> Ou o Seixal Futebol Clube, impulsor do Torneio de Verão de 1986, e no qual participou a equipa barreirense do Clube Dramático Instrução e Recreio 31 Janeiro “Os Celtas”, ficando esta em terceiro lugar num total de seis equipas concorrentes.<sup>26</sup>

Estes episódios abrem espaço suficiente para uma análise qualitativa à gestão associativa do lazer feminino. Mais ainda quando a mesma se exercia sobretudo a partir do futebol, e possibilitava que algumas jovens pudessem aspirar a uma melhor qualidade de vida, com viagens a outras partes de Portugal ou até ao estrangeiro [Figura 2]. No caso coimense poder-se-á observar este fenómeno durante a época de 1985/1986, precisamente quando a União se sagrou campeão distrital, e pelo menos duas jogadoras externas ingressaram na equipa (Lina, proveniente da União Banheirense; e Adelaide, da União de Coimbra).<sup>27</sup> Também a organização da Taça Nacional em 1986 por parte da Federação Portuguesa de Futebol – em tudo semelhante à *Copa* no Brasil - acabando por ser um dos máximos esplendores. A equipa de Coima disputou o torneio com as principais adversárias da capital, nomeadamente o Académico de Alvalade. E mesmo tendo um desfecho desfavorável, as jovens só por si tiveram acesso a um lazer privilegiado alargou-se além-fronteiras nesse mesmo ano. Em julho o U.R.C.D.C. fora convidado a participar no XI Torneio Internacional de Futebol Feminino na cidade francesa de Royan, contra equipas como o *Association Sportive Côte de Beauté Royan*, o *Fußball-Club Köln* (Alemanha), e o *Stilon Gorzów Wielkopolski* (Polónia), e do qual

---

<sup>25</sup> «FESTIVAL de encerramento para entrega dos prémios», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 02 ago. 1985, p. 3; «FUTEBOL feminino», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 23 ago. 1985, p. 4; «FUTEBOL feminino. 3º Torneio», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 30 ago. 1985, p. 3.

<sup>26</sup> «FUTEBOL feminino. Torneio de Verão», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 12 set. 1986, p. 3; «FUTEBOL feminino. União de Coima venceu o torneio», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 17 out. 1986, p. 2.

<sup>27</sup> O campeonato distrital de Setúbal em 1985/1986 foi disputado apenas por cinco equipas: Banda Democrática 2 de Janeiro (Montijo); União de Coima (Barreiro); Amora Futebol Clube (Seixal); Clube Desportivo "Os Pelezinhos" (Setúbal).

as coïenses saíram vitoriosas em todos os jogos.<sup>28</sup> A participação exitosa em Royan serviu de elemento motivador para novas interessadas se inscreverem na coletividade.<sup>29</sup> Poucos meses após o regresso da equipa, a União de Coïna apresentaria um plantel de 19 jogadoras, das quais quatro eram reforços exteriores (Elsa, ex-jogadora do Odivelas; Célia e Susana, ex-Amora; ou Orlanda, ex-Casa Pia).

Estas descrições contrastam (e muito) com uma realidade sociopolítica que um país como Portugal atravessava na década de 1980. Bastaria colocar uma simples pergunta: se tudo corria tão bem, qual a razão para o desporto feminino acabasse na União de Coïna? Se a nível organizacional havia estabilidade, o mesmo não se poderá dizer do nível social. De facto, o peso histórico de quatro décadas de ditadura ainda pesava, e a gestão dos corpos femininos através do futebol - e de forma extraestatal, com moças a optarem por jogar fora das suas localidades de origem -, era um tema recente e pouco consensual (BRASÃO, 2004, p. 387; DOMINGOS, 2010, p. 31). Em todo o caso, e de acordo com as mentalidades mais conservadoras da época, a prática desta modalidade desportiva em Coïna desafiava a própria “natureza histórica” dos géneros, precisamente quando os homens deveriam ser fortes e as mulheres dóceis. E isso também responderá ao porquê da inexistência de qualquer alteração na paisagem desportiva na localidade. Até hoje a União de Coïna não dispõe de qualquer campo de futebol.

---

<sup>28</sup> «UNIÃO de Coïna convidado a participar no torneio internacional em França», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 04 jul. 1986, p. 4.

<sup>29</sup> A comitiva da União de Coïna em Royan era constituída por José Inácio (diretor), José António (seccionista), Cristina Fernandes e António Rianço (massagistas) e Nuno Fachada (médico). Em paralelo ao torneio de futebol de onze, foi também organizado um torneio de futebol salão («FUTEBOL feminino», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 01 ago. 1986, p. 3; «FUTEBOL feminino. União de Coïna», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 26 dez. 1986, p. 4).

Figura 2: Poster do 1º Torneio Internacional [acervo do U.R.C.D.C.]

**FUTEBOL FEMININO**  
**1.º TORNEIO INTERNACIONAL**  
do **União R. C. D. Coina / Rajal**  
Com o apoio da **D. G. D. - SETUBAL**  
**CAMPO DO TORRALTA EM TROIA**  
COM AS EQUIPAS DO  
**União R. C. D. Coina / Rajal**  
**G. D. Os Pelézinhos - Setúbal**  
**S. D. 2 Janeiro - Montijo**  
**At. Villaverde - Madrid**

**DIA 7 - 9 - 85**  
às **16,30 h.** - **At. Villaverde - S. D. 2 Janeiro - Montijo**  
» **18,00 h.** - **União R.C.D. Coina/Rajal - G. D. Os Pelézinhos**

**DIA 8 - 9 - 85**  
às **16,30 h.** - **Disputa do 3.º e 4.º**  
» **18,00 h.** - **FINAL**

**EM DISPUTA AS VALIOSAS TAÇAS**  
Auto Barreiro — S. D. U. B. Clube Convívio - Barreiro — Família  
Fernandes — Hannover R. F. A. — Decorações Sistalum, Lda.  
Restaurante Internacional - Coina — Transporte Ideal/NOB&E

**DECORAÇÕES SISTALUM, LDA.**  
DE - M. ROMÃO  
Av. Fuz. Navais, 95-R/c. - Q. LOMBA - Tel. 2045794 - 2830 BARREIRO  
Típ. Comercial - Barreiro - 500 ex. em 29-8-85

Fonte: Os autores

### Obstáculos à Desconstrução de uma Natureza Dominante

Um olhar à adoção do futebol feminino pela União de Coina revela também que a prática desta modalidade era regularmente encarada como uma rutura social nos papéis de género, ou até um obstáculo à desconstrução de um *statu quo* dominante. Apesar de surgirem artigos esporádicos na imprensa local, com retratos de

manifestações de interesse em jogar no clube, a realidade era bastante díspar.<sup>30</sup> A escassez de estudos exploratórios sobre a relação entre futebol feminino e lazer no Portugal democrático obriga a que, pelo menos por enquanto, se observe o descrédito nesta modalidade a partir de um prisma necessariamente redutor. Uma vez que faltava suporte fiduciário, faltava tudo. O sorteio de abril de 1986 mostra a resistência de clubes economicamente mais débeis perante os agravos da locomoção. Três coletividades da Grande Lisboa - o Banda Democrática (Montijo), o Amora e os Pelezinhos (Setúbal) -, não se inscreveram alegando dificuldades financeiras, ficando o calendário limitado a cinco jornadas, com término a 11 de maio desse mesmo ano.<sup>31</sup> Contudo, não era apenas uma questão financeira. De todo.

A participação nas atividades do clube obrigava a que os papéis tradicionais das jovens mulheres portuguesas se alterassem em virtude da gestão pessoal do lazer, e nem todas as empresas se interessavam pela promoção de uma atividade considerada quase como “antinatural”. Uma entrevista de 1989 a Joaquina Ruivo (*team manager* do clube) mostra bem como a conjugação de ser mulher, professora, e dirigente associativa rompia com os estereótipos que vulgarmente destinados à “natureza masculina” (NOVAIS *et al.*, 2021, p. 8). Acrescente-se ainda o facto desta desportista residir no centro do Barreiro (a oito quilómetros de distância), e que teria de recorrer a transportes públicos que se resumiam a um autocarro/ónibus a cada hora. Para além de uma agenda pesada, a notícia do *Jornal do Barreiro* também transparece outros pormenores não menos secundários. Aliás, as perguntas do jornalista Abílio Ferreira são deveras pertinentes, e mostram algumas resistências existentes na época: o possível

---

<sup>30</sup> Como a jogadora Isabel Portugal, residente na freguesia de Benfica (Lisboa), e que em 1984 se deslocava de propósito à periferia do Barreiro unicamente para integrar a União de Coima («FUTEBOL feminino. Torneio de Natal», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 28 dez. 1984, p. 4).

<sup>31</sup> Equipas participantes da Zona Sul em 1986: Académico de Alvalade (Lisboa), Representante de Setúbal; Odivelas; Alcobaça; União de Coima e Carcavelos («FUTEBOL feminino. Campeonato Nacional», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 11 abr. 1986, p. 4).

encerramento da sede da União de Coima com a súbita demissão da direção justificada com a saída de algumas jogadoras por descrédito na instituição. Era evidente que a ausência de um patrocínio estável pesava na logística dos requisitos mínimos para deslocações por todo o país e tornava-se numa situação economicamente inviável para a maioria das jogadoras.<sup>32</sup> Mas isso não explica tudo e fica apenas a questão: se o término do futebol feminino da União de Coima acabou por ser, ou não, uma imposição do mercado social?

## **Conclusão**

Como referido ao longo do texto, a observação da adoção do futebol feminino na União Recreativa de Cultura e Desporto de Coima entre 1981 e 1990 mostra-nos como uma hipotética triangulação entre lazer, paisagem e natureza pode e deve ser sempre efetuada com alguma meticulosidade. Acima de tudo, há que assumir as características peculiares da instituição analisada, sempre como primordiais e (plausivelmente) nem sempre equiparáveis ao resto do país. Apesar das resistências, a adoção do futebol em Coima acabou por moldar todo um território regional e colocou um pequeno topónimo periférico da Grande Lisboa no mapa mental dos seguidores nacionais deste desporto. Basta ver como uma pequena equipa já quase esquecida esteve na génese da atual Liga de Futebol Feminino em Portugal. Esta análise mostrou também como o futebol entrou nas estratégias de implementação do direito ao lazer feminino em Portugal e tiveram diferentes formas e variáveis no tempo e no espaço, começando por uma pequena experiência de enquadramento juvenil com o futebol de salão, ambicionando a ser algo maior, com deslocações a vários países europeus. À luz da época, estas locomoções suscitaram conversas, rumores, cochichos, alguns bastante desagradáveis para as jovens

---

<sup>32</sup> BREVE entrevista com Joaquina Ruivo», **Jornal do Barreiro**, Barreiro, 09 jun. 1989, p. 3.

que viam o futebol como uma escapatória para uma melhor carreira profissional e unicamente desejavam um aumento da qualidade de vida (DONOSO PÉREZ; REINA GIMÉNEZ; ÁLVAREZ-SOTOMAYOR, 2023, p. 560).

A parca existência de fontes primárias, em paralelo à escassez de estudos exploratórios para o período pós-1974 quando Portugal entra no regime democrático, impede que nos debrucemos melhor sobre esta relação entre futebol feminino, lazer e paisagem, se entendermos este último conceito como um espaço informal e de experiências públicas (BESSE, 2006). E mais ainda num território periférico como Coima, dentro de um município periférico da Grande Lisboa, e num país como Portugal, no extremo-ocidental da Europa. Curiosamente quando a União de Coima decidiu terminar com o futebol feminino em 1990, logo outros clubes vizinhos adotaram-no, aceitando a transferência de algumas jogadoras e abrindo um novo ciclo no território. O Grupo Desportivo Estrelas Areenses foi um deles, mas a conjuntura já era outra (PEREIRA, 2007, p. 31). É precisamente neste quadro triangular da gestão do lazer, paisagem e natureza que optámos por refletir. E desejamos que este artigo tenha contribuído para o objetivo.

## REFERÊNCIAS

ABADÍA NAUDÍ, S.; PUJADAS MARTÍ, X. Keys to the beginning of the sports democratization process in Portugal (1974-1982). **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 6, n. 2, p. 1–15, dez. 2013.

BESSE, J.-M. L'espace public: espace politique et paysage familial. *In*: RENCONTRES DE L'ESPACE PUBLIC, LILLE MÉTROPOLE COMMUNAUTÉ URBAINE. 14 dez. 2006. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-00191977>. Acesso em: 25 mar. 2024

BRASÃO, I. Improváveis simetrias: um retrato do futebol feminino. *In*: DOMINGOS, N.; NEVES, J. (Eds.). **A época do futebol: o jogo visto pelas Ciências Sociais**. Peninsulares. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. p. 375–397.

DOMINGOS, N. Building a motor habitus: Physical education in the Portuguese Estado Novo. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 45, n. 1, p. 23–37, mar. 2010.

DOMINGUES, N. B. O futebol e a indústria no Barreiro. *In*: DOMINGOS, N.; NEVES, J. (Eds.). **A época do futebol: o jogo visto pelas Ciências Sociais**. Peninsulares. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. p. 329–356.

DONOSO PÉREZ, B.; REINA GIMÉNEZ, A.; ÁLVAREZ-SOTOMAYOR, A. Desigualdad de género en el deporte de competición: voces y reflexiones. **Retos**, v. 47, p. 557–564, 2023.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional**. Tradução: Manuela de Almeida E Silva. Lisboa: Edições 70, 2019.

KUMAR, R. M. **A pureza perdida do desporto: futebol no Estado Novo**. Lisboa: Paquiderme, 2017.

LIMA, R. M. T. **Iniciação desportiva de raparigas nos clubes de futebol**. Estudo da perspectiva de jovens jogadoras, da família e de treinadores. Dissertação de mestrado—Porto: Universidade do Porto, 2013.

NETO, G. J. DE S.; CAMPOS, P. A. F.; SILVA, S. R. DA. Das Senhoras e Senhorinhas nos “Grounds” do Sport Bretão: A História da Mulher nos Campos de Futebol em Belo Horizonte/MG (1904 -1920). **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 16, n. 3, 2013.

NOVAIS, M. C. B. *et al.* Treinadoras e Auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e resistência na liderança esportiva. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 27, n. e27023, p. 1–18, 2021.

PEREIRA, A. S. **Movimento associativo da Freguesia de Coima: memórias e estórias**. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro, 2007.

PIMENTEL, I. F. **A cada um o seu lugar: a política feminina do Estado Novo**. 1. ed. Lisboa: Temas e Debates, 2011.

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. **Movimento**, v. 19, n. 1, p. 95–115, 2013.

SHILS, E. **Centro e periferia**. Tradução: José Hartuig De Freitas. Lisboa: Difel, 1992.

SILVA PAIS, A. DA. Desporto feminino. *In*: **O Barreiro Contemporâneo**. A grande e progressiva vila industrial. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro, 1969. v. Iip. 349–353.

VALEGAS, A. P. **Os jogos juvenis do Barreiro: obra social e desportiva**. Montijo: A.P. Viegas, 1970.

**Endereço do Autor:**

Gonçalo Brito Graça

Endereço eletrônico: [goncalo.graca@cm-barreiro.pt](mailto:goncalo.graca@cm-barreiro.pt)